

ARQUITETURA MODERNA NO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA: A ATUAÇÃO DOS GRANDES ESCRITÓRIOS

ANA PAULA TAVARES MIRANDA¹, MARIA BEATRIZ CAMARGO CAPPELLO²

RESUMO

O artigo aqui intitulado “Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: A Atuação dos Grandes Escritórios”, surgiu com base num projeto maior, o trabalho desenvolvido no núcleo de História da Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, “Documentação da Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: História e Preservação”, com o apoio da Fapemig. O trabalho realizado pelo núcleo de pesquisa tem como objetivo a identificação, análise e catalogação das obras que se inserem na linguagem moderna dentro da região, buscando também promover a conscientização da importância cultural dessas obras ao passo da grande descaracterização que vêm sofrendo. As fichas de inventário, realizadas no modelo DOCOMOMO internacional, serviram de apoio para o artigo em questão, que busca demonstrar a atuação dos grandes escritórios de arquitetura (normalmente provindos das capitais nacionais) e suas contribuições, não só como inserção de uma nova técnica, mas principalmente de uma nova concepção formal.

Palavras-Chave: arquitetura, urbanismo e paisagismo modernos, escritórios de arquitetura, preservação.

ABSTRACT

This article, named “Modern Architecture in the Triângulo Mineiro and Alto Paranaíba: The action of Great Offices”, arose based on a bigger project, the work developed at the History Department of the Architecture, Urban Planning and Design College of Uberlândia “Documentation of Modern Architecture in the Triângulo Mineiro and Alto Paranaíba: History and Preservation”, with support from Fapemig. The work carried out by the research

¹ Aluna de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia - Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco II, sala 43 - Uberlândia/MG - CEP: 38400-100. E-mail: a_paulatavares@hotmail.com

² Professora Doutora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia - Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco II, sala 43 - Uberlândia/MG - CEP: 38400-100. E-mail: mbcappello@uol.com.br

department aims at identifying, analyzing and cataloging the works inserted in the modern language within the region, also seeking to promote awareness of the cultural importance of these works while the great loss of characterization it has been going through. The inventory sheets, realized in the international standard model DOCOMOMO, supported this article which aims at demonstrating the performance of great architecture offices (usually derived from national capitals) and its contributions, not only as insertion of a new technique, but especially as a new formal conception.

Keywords: modern architecture, urbanism and landscape design, architecture offices, preservation.

1. INTRODUÇÃO

A Arquitetura Moderna no Brasil teve como marco e divisor de águas a construção do prédio para o Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP)³, no Rio de Janeiro, iniciado no fim da década de 1930 e que antecedeu a consolidação da Linguagem Moderna no Brasil nos anos 1940. (LEMOS, 1979) Essa nova arquitetura que se introduzia no país, como já de costume, foi importada da Europa com a diferença de que, aqui, a nova linguagem arquitetônica adquiria características próprias, nacionalizando-se e resultando em inovações que respondiam ao nosso clima tropical e à nossa disponibilidade tecnológica que ainda se limitava ao uso do concreto armado como material de construção disponível no país. Divulgada pelo *Brazil Builds*⁴, dentre outras revistas internacionais de arquitetura da época, a arquitetura moderna feita no Brasil foi internacionalmente enfatizada principalmente pelas soluções empregadas na barragem dos fortes raios solares de um

país tropical, como a aplicação do *brise-soleil*. As principais características do Movimento Moderno no Brasil, segundo Giedion (apud MINDLIN, 1956), foram o arrojo das linhas bem marcadas no exterior dos edifícios, os avanços no tratamento dos ambientes internos e a existência de linguagem e técnicas que dão identidade a essa arquitetura como nacional.

Lembrar-se-á também da sua forte relação com as artes através das pinturas murais, esculturas e do paisagismo, dentro da concepção de síntese das artes defendida pelos CIAM.⁵

No Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, região estudada neste artigo, a arquitetura moderna teve sua inserção paralela à industrialização da região na década de 1940, estimulada pela posição estratégica de algumas cidades como Uberlândia, que faziam o eixo de ligação entre São Paulo e Rio de Janeiro com o interior do país. Intensificada essa característica com a implantação de Brasília, em 1957, a arquitetura moderna no Triângulo Mineiro

³ Hoje chamado Edifício Capanema, projetado pela equipe de arquitetos formada por Lucio Costa, Carlos Leão, Oscar Niemeyer, Afonso Eduardo Reidy, Ernani Vasconcelos, Jorge Machado Moreira e consultoria do arquiteto franco-suíço Le Corbusier. Sua construção iniciou-se em 1936, sendo entregue em 1947.

⁴ *Brazil Builds* - Exposição e publicação do livro de mesmo nome realizada em 1943 pelo Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York.

⁵ CIAM - *Congrès Internationaux d'Architecture Moderne* [Congresso Internacional de Arquitetura Moderna] - era uma organização internacional que reunia os expoentes da vanguarda de arquitetura com a intenção de estudar e difundir as bases teóricas da arquitetura moderna.

e Alto Paranaíba teve seu auge na década de 1960 e 1970.

Sabendo da importância em documentar a produção moderna a fim de se manterem preservados os exemplares mais significativos (assim como já é feito em outras cidades e capitais do Brasil), o projeto intitulado “Documentação da Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: História e Preservação”, busca a identificação e catalogação dessas obras através de fichas de inventário, definidas segundo o modelo DOCOMOMO⁶.

Uma vez elaborado pelo grupo de pesquisa um acervo de referência que busca, além de suprir a carência de documentação sistemática, difundir esse conteúdo à população através de um site, é possível analisar o impacto dessa nova arquitetura nos espaços urbanos, no desenvolvimento das cidades e na produção arquitetônica posterior e atual na região. O artigo aqui desenvolvido e intitulado “Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto

Paranaíba: A Atuação dos Grandes Escritórios”, tem como objetivo demonstrar como se deu a atuação dos grandes escritórios nacionais que, não se fixando nas cidades de seus projetos, ainda assim contribuíram para o desenvolvimento e fixação do Movimento Moderno na região. O trabalho também espera fornecer um acervo específico para a pesquisa base deste projeto a fim de motivar novos campos de discussão, novas pesquisas e novos pesquisadores.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi desenvolvido, primeiramente, com uma pesquisa teórica a qual abrangia uma leitura bibliográfica acerca do Movimento Moderno, tanto no âmbito nacional quanto no regional. Com a leitura, foram melhor compreendidos os elementos determinantes dessa arquitetura, suas características e sua importância para a efetivação de uma arquitetura nacional brasileira.

Na pesquisa de campo, etapa seguinte, foram feitas visitas às cidades selecionadas de acordo com o critério daquelas que ainda não tinham sido exploradas pelo projeto da faculdade. As visitas objetivavam um levantamento fotográfico das obras percebidas como mais características da Arquitetura Moderna e o

⁶ *International Working Party for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of Modern Movement* - Organização internacional que busca motivar o conhecimento e reflexão sobre o Movimento Moderno, desenvolvendo levantamentos documentais e medidas de conservação e proteção da arquitetura, assim como de conjuntos urbanos e paisagísticos do Movimento Moderno.

recolhimento do material encontrado nos arquivos públicos e particulares das cidades visitadas como plantas dos projetos, publicações em jornais, revistas, entrevistas, etc.

Após pesquisas teóricas e de campo foram preenchidas as fichas de inventário, nas quais foram catalogados os edifícios e onde constam também todas as informações necessárias para o conhecimento suficiente de cada obra.

Com a catalogação foi possível perceber a atuação de um grupo de arquitetos, associados a grandes escritórios do Brasil, que desenvolveram projetos característicos e de grande importância para a região. A partir de então, veio o interesse em aprofundar essa linha de pesquisa, analisando as características dessa arquitetura e, conseqüentemente, seu impacto na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

3. RESULTADOS

3.1 OS ARQUITETOS FORASTEIROS

Motivados pelo discurso progressista de crescimento e modernização, em 1910, chegam à região, e principalmente Uberlândia, muitos construtores, sendo a maioria imigrantes. A partir de então, com um crescimento considerável, a região atrai

mão de obra do campo e de regiões vizinhas, fazendo com que, já na década de 1920, a construção civil se coloque, juntamente com o comércio, como fontes primeiras de riqueza.

A implantação da 1ª Escola de Arquitetura de Minas Gerais, em Belo Horizonte, foi crucial para o momento que se vivia. A EABH (Escola de Arquitetura de Belo Horizonte) formou profissionais que iriam atuar em várias cidades de Minas Gerais, fixando-se ou somente deixando seus trabalhos pelas cidades, formando uma geração de pioneiros saídos da faculdade como transformadores das cidades mineiras (GUERRA, 1998).

O principal nome diante da implantação dessa nova arquitetura na região é João Jorge Coury, arquiteto formado pela EABH e o primeiro a se fixar na região, mais precisamente em Uberlândia, em 1940. Coury abre as portas para a implantação da linguagem moderna na região, difundindo-a e influenciando outros arquitetos a também se estabelecerem, fazendo com que a arquitetura produzida aqui se aproximasse cada vez mais daquela que se fazia em São Paulo e no Rio de Janeiro. Assim, os profissionais identificados na pesquisa “Documentação da Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: História e

Preservação” estabeleceram diversos tipos de relações com as cidades estudadas, os quais foram denominados arquitetos “migrantes” (como Ivan Cupertino e Germano Gultzgoff que atuaram em Uberlândia entre as décadas de 1960 e 1970), “peregrinos” (como o já citado pioneiro João Jorge Coury), “nativos” (como o uberlandense Paulo de Freitas e o uberabense Wagner Schroden), “forasteiros” (como o belo-horizontino Fernando Graça dentre os arquitetos que ainda serão citados) e “titãs”(Oscar Niemeyer e Lina Bo Bardi, nos anos 80).

Os projetos estudados aqui estão dentro do grupo de arquitetos “forasteiros”. São edifícios projetados por arquitetos ou por um conjunto deles, advindos dos grandes centros do país e que não estabelecem bases profissionais na região (LAURENTIZ, 1993), ou seja, a relação e a estadia nas cidades que desenvolvem seus trabalhos são delimitadas ao período necessário para o levantamento do local de implantação.

3.2 A ATUAÇÃO DOS GRANDES ESCRITÓRIOS

Dentro do grupo de profissionais⁷ denominados “forasteiros”, estabeleceu-se

um subgrupo daqueles que, não somente vindos de fora, eram também integrantes de grandes escritórios nacionais. Esses escritórios eram formados por uma equipe, muitas vezes interdisciplinar, necessária para o desenvolvimento dos projetos, normalmente de grande escala.

Os escritórios e obras estudados aqui são: Burle Marx & Cia Ltda., com os projetos para o Conjunto Paisagístico para o Parque da Estância do Barreiro e Fonte Andrade Junior, ambos em Araxá; Henrique Mindlin Associados, com o projeto da Fábrica Souza Cruz, em Uberlândia; Rino Levi Arquitetos Associados, com os projetos da Casa de Hóspedes para a CBMM e a Escola Sesi-Senai, ambos em Araxá.

Burle Marx & Cia Ltda

Roberto Burle Marx, nascido em 1909 na cidade de São Paulo e radicado no Rio de Janeiro, estudou pintura na Alemanha durante sua estadia no país, motivada por um problema de saúde, voltando para o Brasil em 1930. Devido às influências artísticas trazidas da Europa, ingressa no curso de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fazendo seu primeiro projeto paisagístico de linhas modernas em 1932. O projeto era um

⁷ Não são todos os profissionais estudados aqui arquitetos de formação. O paisagista Roberto Burle

Marx, mesmo com o título de Arquiteto-Paisagista, não tem formação acadêmica em Arquitetura.

jardim para a Residência da Família Schwartz, com projeto arquitetônico de Gregório Warchavchik e Lucio Costa, este último, vizinho de Burle Marx. Seu contato com amigos e professores como Lucio Costa, Leo Putz (Escola Expressionista Alemã) e Cândido Portinari o introduziu ao pensamento moderno, fazendo com que na década de 1940 se filiasse permanentemente ao Movimento Moderno, deixando para trás os projetos ainda de concepções acadêmicas da Beux-Arts.

A formação da Burle Marx & Cia Ltda se deu oficialmente em 1955, com localização no bairro Laranjeiras, zona sul do Rio de Janeiro. O escritório fazia trabalhos de execução e manutenção de obras paisagísticas, desde edifícios residenciais a obras públicas. Mesmo antes da oficialização da firma, Burle Marx contava com profissionais que o auxiliavam nas obras de seu escritório, como é o caso do projeto para a Fonte Andrade Junior, no Parque do Barreiro, em Araxá, em que, sem a formação de arquiteto, passou o projeto para seu então estagiário Francisco Bolonha, graduando em Arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes, na qual ingressou no ano de 1940.

Francisco Bolonha, no seu primeiro ano de curso, já trabalhava como estagiário em escritórios de arquitetura, trabalhando

primeiramente com Aldary Toledo e em seguida no escritório em conjunto dos arquitetos Jorge Machado Moreira, Oscar Niemeyer e Affonso Eduardo Reidy, enquanto também estagiava com Burle Marx, no período da noite. Nos estágios, Bolonha participou de projetos como o Hospital das Clínicas de Porto Alegre, com Moreira e o Teatro de Belo Horizonte, com Niemeyer. Durante seu trabalho com Burle Marx, além dos projetos para o Barreiro de Araxá, participou também da elaboração dos jardins da Residência Odette Monteiro, em Petrópolis, e dos Jardins para o Ministério da Educação. Bolonha formou-se pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil⁸, em 1945, permanecendo no escritório de Burle Marx até 1950. (PORTO, 2005)

Desde o falecimento de Burle Marx, em 1994, a Burle Marx & Cia Ltda é dirigida pelo arquiteto, companheiro de trabalho, amigo e discípulo, Haruyoshi Ono, o qual mantém o desenvolvimento dos trabalhos e concepções deixados pelo mestre. Enquanto vivo, Roberto Burle Marx primava pela perpetuação de seus conhecimentos, assim como da necessidade de tê-los. Disseminava suas idéias, das quais via o jardim como um lugar onde se estabelece uma relação

⁸ Faculdade resultante do desmembramento do curso de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes, em 1945.

especial com a natureza, uma coexistência pacífica entre as várias espécies, um lugar de respeito pelo outro, uma vez sendo esse um espaço público, um instrumento de prazer e um meio de educação. Das características deixadas de seus projetos, a principal foi a valorização da beleza dos elementos nativos da flora brasileira, sendo ele o responsável pela introdução do paisagismo como parte integrante do projeto arquitetônico e urbanístico.

Henrique Mindlin Associados

Henrique Ephim Mindlin, filho de russos estabelecidos no Brasil, nasceu em São Paulo, em 1911 e graduou-se engenheiro-arquiteto pela Escola de Engenharia Mackenzie, em 1932. Nos seus primeiros anos como profissional realizou dezenas de obras em São Paulo, a maioria edifícios residenciais e que ainda não apresentavam uma uniformidade estética. Em 1942, mudou-se para o Rio de Janeiro após obter o primeiro lugar no concurso para o anexo do Palácio do Itamaraty. Com o crescimento das encomendas e popularidade, Mindlin se associou ao arquiteto Giancarlo Palanti, em 1955, num acordo onde, os trabalhos em São Paulo seriam desenvolvidos pela equipe do escritório de Palanti, e os do Rio de Janeiro, então capital federal, pelo escritório de Mindlin. (SANCHES, 2004)

Em 1964, na tentativa de formar um

escritório mais sério para o desenvolvimento de trabalhos no Brasil e no exterior, juntam-se à mais três sócios, Walmyr Lima Amaral, Marc Demetre Fondoukas e Walter Morrison, formando o “Henrique Mindlin, Giancarlo Palanti e Arquitetos Associados”, primeiro escritório de arquitetura no país constituído juridicamente como uma empresa.⁹ (NOBRE, 2000)

Atraindo uma boa gama de clientes, o escritório logo adquiriu popularidade, chegando a ter cerca de 60 pessoas trabalhando simultaneamente, fato que encadeou a necessidade de um “sistema de produção de arquitetura”, visto a necessidade de organização e produtividade condizentes aos preceitos funcionais do Movimento Moderno. Tal sistema de produção estabelecia uma uniformidade gráfica para os desenhos técnicos de projetos, desenvolvido por um grupo de arquitetos do próprio escritório, que ia desde a representação de cortes, níveis e cotas a um roteiro completo de numeração de pranchas e logomarca da empresa. (NOBRE, 2000) O sistema rendeu uma apostila com a marca do escritório, que logo se difundiu pelo Brasil, sendo adotada por vários outros escritórios.

⁹ Vale lembrar que a Burle Marx & Cia Ltda, fundada em 1955, não era um escritório de arquitetura, mas de obras paisagísticas, até então atividade não apta na formação do arquiteto.

Também, seguindo a linha de pioneiros na produção arquitetônica, o escritório foi o primeiro a utilizar recursos tecnológicos no desenvolvimento de projetos, na virada dos anos 1960, quando o microcomputador ainda era desconhecido para a maioria da população brasileira. Ainda na década de 1960, precisamente em 1966, Giancarlo Pianti, visando aposentar-se, (SANCHES, 2004) desfaz sua associação com Henrique Mindlin, passando o escritório a se chamar somente “Henrique Mindlin Associados”.

Apresentado por seu irmão mais próximo, o empresário José Mindlin, como um homem “envolvido por uma visão de futuro”, Henrique Mindlin ainda teve atuação pioneira em várias frentes. Foi atuante no IAB desde 1940, precursor na luta pela regulamentação da profissão, pelos direitos autorais do arquiteto e pela remuneração condizentes às exigências e custos de um trabalho profissional (NOBRE, 2000). Via a arquitetura como sinônimo de planejamento, a qual tinha o objetivo de “atingir valores humanos e sociais na síntese de todos os elementos funcionais, estéticos e econômicos de projeto”, uma arquitetura de uma linguagem dita internacional e sistematizada, daí vide a importância, já discutida aqui, da organização de suas produções e de seu trabalho em equipe. Mindlin colaborou com o movimento

moderno não só com edifícios, mas também com sua forte atuação no campo editorial. Publicou artigos em revistas especializadas nacionais e estrangeiras, sendo sua maior publicação, o livro-antologia “Arquitetura Moderna no Brasil”¹⁰, publicado pela primeira vez em Outubro de 1956.

Dentre os inúmeros projetos assinados pelo escritório está o importante Bank of London and South America, de 1959, em São Paulo.

Desde seu falecimento, em 1971, a Henrique Mindlin Associados, ainda hoje em funcionamento, está sob os comandos de um de seus primeiros fundadores, o arquiteto Walmyr Amaral.

Rino Levi Arquitetos Associados

Rino Levi, nascido em São Paulo em 1901, obteve o diploma de arquiteto em 1926, pela Faculdade de Arquitetura de Roma, voltando a São Paulo, no mesmo ano, onde iniciou as atividades de seu escritório. Devido às ambigüidades de sua formação no período entre-guerras e do conservadorismo da escola de Roma, Levi trouxe para seus primeiros trabalhos a marca de um meio repleto de pluralidade e

¹⁰ Principal registro da construção brasileira de 1937 a 1955, no qual fornece uma rica e minuciosa visão do Movimento Moderno, situando o Brasil à época.

transformações. Não obstante, Rino Levi acabou por buscar para si a missão do arquiteto no Movimento Moderno, o qual presenciou ainda em seus anos de estudo, e que trouxe para seus trabalhos seguintes o uso de uma linguagem revolucionária, lógica e de um racionalismo internacional. Levi dizia que era preciso “estudar o que se faz no exterior e resolver nossos casos sobre estética da cidade com alma brasileira”¹¹. Via a arquitetura como um evento indissociável da cidade e um elemento participante de sua construção que, enquanto morfologia, formaria o caminho a ser seguido para a construção da “urb moderna”.

Como profissional atuante nas discussões profissionais¹², Rino Levi trouxe para o seu escritório a real utilização de todas as

¹¹ Levi, R. Carta de 1925, “A arquitetura e estética das cidades”, publicado em o *Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 de Outubro de 1925, transcrita por Geraldo Ferraz na revista *Habitat*, n. 30 Maio de 1956. Reproduzida no Catalogo da exposição realizada no Museu Lasar Segal – Warchavchik, Pilon, Rino Levi – Três Momentos da Arquitetura Paulista. São Paulo, Funarte – 1983. In Xavier (org.). *Arquitetura Moderna Brasileira: Depoimento de uma Geração*, São Paulo. Ed. Pini/Abea/FVA, 1987; Cosac-Naify 200.

¹² Rino Levi lecionou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo de 1954 a 1959 e foi professor e crítico de ateliê na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Venezuela em 1959; presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de São Paulo, por três anos seguidos; em 1951 funda o grupo do CIAM em São Paulo junto com Osvaldo Bratke, Icaro de Castro Mello, Roberto Cerqueira César e Eduardo Kneese de Mello; membro honorário das sociedades de arquitetos da Colômbia; membro da Comissão de Saúde Pública da UIA; presidente do Instituto Brasileiro de Acústica, etc.

disciplinas do currículo e deu extrema importância ao trabalho em equipe, tornando-o mais complexo e interdisciplinar, uma prática comum dos ateliês italianos. Em sua organização de trabalho, o papel do projetista era importante tanto para o detalhamento dos projetos como para o aprendizado dos estagiários e jovens arquitetos. Dos mais de cinquenta profissionais que passaram pelo escritório, muitos se tornaram professores das principais escolas de arquitetura do Estado de São Paulo, outros, arquitetos de atuação destacada no cenário paulista e nacional.

Em 1941, o arquiteto Roberto Cerqueira César associou-se ao escritório de Rino Levi e, em 1951, o arquiteto Luiz Roberto Carvalho Franco fez o mesmo. Após a morte de Levi, em 1965, durante sua última expedição a qual fez com Burle Marx para catalogar a vegetação típica da Bahia e que foi financiada pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o escritório passou a realizar suas atividades sob a denominação “Rino Levi Arquitetos Associados SC Ltda”. Mesmo buscando a continuidade dos parâmetros que formaram o escritório, este acaba inevitavelmente tomando outros rumos, embora os conceitos essenciais estivessem mantidos. Em 1972, o arquiteto Paulo Bruna foi convidado a associar-se como diretor do

escritório e, em 1986, o arquiteto Antônio Carlos Sant'Anna Jr tornou-se sócio-diretor.

Em mais de 80 anos de atividades ininterruptas, o Rino Levi Arquitetos Associados SC Ltda desenvolveu projetos em praticamente todas as áreas do trabalho profissional, procurou estar sempre na vanguarda de seu tempo, produziu pesquisas em pré-fabricação de canteiro, utilizando estruturas metálicas, implementando a racionalização dos processos construtivos e das práticas de escritório, fazendo uso de computadores aplicados à arquitetura, ensino e participando de atividades públicas e profissionais (VILLELA, 2003).

Nos anos 90, o escritório passa por outras reestruturações. Primeiro, a saída dos arquitetos Paulo Bruna e Roberto Cerqueira César. O trabalho do escritório passa a ser continuado pelos arquitetos Luiz Roberto Carvalho Franco e Antonio Carlos Sant'Anna Júnior sob o nome de Rino Levi Arquitetos, até o ano de 1997, completando os 70 anos de existência, quando então, foi desfeito e seu arquivo doado para a biblioteca da FAUUSP, São Paulo.

3.3 OS PROJETOS

Apresentados os escritórios, suas origens de formação e métodos de produção utilizados, serão apresentados agora, em ordem cronológica, os projetos desenvolvidos pelos mesmos que se destacaram na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

Para a análise das obras escolhidas, além das visitas feitas in loco e do material recolhido nos arquivos públicos e particulares de cada cidade, foi também feita uma pesquisa em revistas de arquitetura a fim de levantar o material suficiente para o trabalho em questão. Portanto, as descrições a seguir são resultado de minha percepção pessoal mas, principalmente, são retiradas de publicações coletadas de revistas de arquitetura.

Conjunto Paisagístico: Parque da Estância do Barreiro

O convite para o projeto paisagístico do Parque da Estância do Barreiro veio quando Burle Marx ainda trabalhava nos projetos da Pampulha (Cassino, Casa de Baile e Iate Clube), na cidade de Belo Horizonte, em 1943. (PORTO, 2005) O paisagista, já famoso na época, tinha conquistado renome diante do governo brasileiro e mineiro com os projetos para o Ministério da Educação e Saúde, o terraço-jardim do Edifício da Associação

Brasileira de Imprensa, ambos no Rio de Janeiro, os Jardins do Grande Hotel de Ouro Preto e também por ter sua obra incluída no *Brazil Builds*, em 1943. Além do mais, segundo Porto (2005), as propostas paisagísticas de Burle Marx¹³ haviam se mostrado correspondentes às ideias de modernidade e progresso almejados pelos governos do Estado e da União. Este em especial, somado à já aceitação dos seus trabalhos, foi a razão principal da escolha do paisagista para a realização de um projeto em linhas modernas, contrapondo a arquitetura eclética do parque, desenhada pelo arquiteto Luiz Signorelli.¹⁴



Fig. 01: Imagem aérea_Conjunto Paisagístico: Parque da Estância do Barreiro_Burle Marx & Cia Ltda.

Fonte: Google Earth

No Barreiro, Burle Marx trabalha em conjunto com o botânico Henrique Lahmeyer de Mello Barreto e continua desenvolvendo as ideias já iniciadas no Ministério da Educação e Saúde e Pampulha, dando destaque aos aspectos regionais em oposição à valorização de elementos exóticos, característicos da linha acadêmica, sempre na busca por uma arte ou arquitetura nacional. Para o projeto, Burle Marx e o botânico Mello Barreto realizaram expedições para a coleta de plantas em algumas regiões do estado de Minas Gerais como as da Serra da Piedade, do Curral e do Cipó, Lagoa Santa e Sete Lagoas, conseguindo montar um conjunto de espécies autóctones que não se encontravam no comércio, a fim de reproduzir as várias zonas fitogeográficas da região. (ADAMS, 1991)

¹³ Antes de 1930, os projetos de Burle Marx ainda tinham concepções filiadas ao Beaux-Arts, onde realizou composições simétricas, regulares, incorporando também espécies exóticas.

¹⁴ Luiz Signorelli, mineiro, arquiteto e pintor. Formou-se pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1925, participou do Salão Nacional de Belas Artes em 1923 e 1926. Foi fundador e organizador e primeiro diretor da EABH. Em 1928, fixa residência em BH e atua em inúmeros projetos na capital e no estado - foi professor de Grandes Composições de Arquitetura.

O plano paisagístico para o parque foi organizado em vinte e cinco seções, compostas por grupos vegetais de diferentes regiões do estado de Minas Gerais e coletados durante as expedições com o objetivo de reproduzir um mostruário da variada flora do estado. (PORTO, 2005) Tal concepção foi inspirada em Engler, que agrupou no Jardim Botânico de Dahlen, na Alemanha, plantas das regiões do Cárpatos, dos Alpes, e dos Apeninos (OLIVEIRA, 1992), produzindo um mostruário que dificilmente um viajante comum poderia presenciar.

Desse modo, o parque contava com grupos de vegetais específicos, setorizados por todo o parque, como as plantas perenes e os representantes legítimos da flora serrana situados na alameda de entrada e as plantas hidrófilas nas áreas de brejo. Ao longo da Avenida do Contorno, a qual delimita o parque, é possível perceber os agrupamentos característicos da canga da Serra do Curral, Serra do Cipó, além de elementos da caatinga, roseirais, palmeiras, uma ampla zona de semi-xerófitas, com ipês, cássias, primaveras e quaresmeiras de cores variadas, além de embaúbas, jacarandás, gameleiras, pindaíbas, fícus, jequitibás, tamboris, copaíbas e paineiras, e ainda presente, um bosque com árvores de

grande porte circundando toda a extremidade do parque.



Fig. 02: Grande Hotel e Fonte Andrade Jr. ao fundo_Conjunto Paisagístico: Parque da Estância do Barreiro_ Burle Marx & Cia Ltda.

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Com efeito, dos 25 setores propostos por Burle Marx, apenas 21 foram executados. Ficaram no papel um viveiro de animais, um parque infantil, duas áreas de brejo, um jardim da região calcária, uma composição com plantas de quartzito e um orquidário. Aparentemente, na área a ser ocupada pelo orquidário foi mantido um bosque com árvores já existentes no local. Nessa mesma região, seria implantado, na década de 1980, um conjunto com um parque infantil e quiosques comerciais, concebido de acordo com um projeto da Burle Marx & Cia Ltda, em 1983. (PORTO, 2005)

Neste projeto, o paisagista teve a preocupação em selecionar plantas com períodos de floração diferentes de modo que o conjunto apresentasse pontos floridos e de cor durante todo o ano. Também foram usadas espécies com características cromáticas variadas a fim de

se explorar os contrastes entre as cores das flores, frutos, folhas e caules.



Fig. 03: Conjunto Paisagístico: Parque da Estância do Barreiro_ Burle Marx & Cia Ltda.

Fonte: Arquivo da pesquisa.



Fig. 04: Ao fundo, Fonte Andrade Jr._Conjunto Paisagístico: Parque da Estância do Barreiro_ Burle Marx & Cia Ltda.

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Também, aqui, inicia-se nos projetos de Burle Marx o uso do traçado orgânico e da visão projetual ligada às características científicas, botânicas e mesmo culturais, disseminadas pelo amigo e companheiro de trabalho, Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, (PORTO, 2005) que acreditava na importância da noção didática dos parques públicos e sua assimilação pela sociedade.

O Conjunto Paisagístico para o Parque da Estância do Barreiro é parte integrante do Complexo Hidrotermal e Hoteleiro do Barreiro, tombado pelo IEPHA de Minas Gerais e registrado na categoria “Conjunto Paisagístico” – Decreto – Constituição Estadual - Ano: 1989.

Fonte Andrade Junior

Ainda dentro dos projetos concedidos ao escritório de Burle Marx para a Estância do Barreiro, em 1943, estava o desenvolvimento de um edifício para abrigo dos bebedouros e aproveitamento da fonte de água sulfurosa e de raras propriedades medicinais encontrada na região. Como já dito, Burle Marx, não tendo formação acadêmica em arquitetura, passa o projeto para seu então estagiário Francisco Bolonha, que juntamente com o paisagista e o engenheiro Andrade Junior (nome com a qual a fonte foi batizada) ficam encarregados de desenhar um edifício em linhas modernas para o local. É válido ressaltar, novamente, a forte contribuição que a introdução da linguagem moderna no Barreiro trouxe para a afirmação da imagem de “modernização” e “progresso” apregoados pelo governo de Minas.

Influenciado pela sua convivência com os chamados arquitetos modernos, Bolonha desenha um edifício totalmente diferente

das concepções neoclássicas europeias normalmente empregadas nessa tipologia de edifício. A Fonte Andrade Junior é localizada às margens de um lago desenhado por Burle Marx defronte para o Grande Hotel e Termas, no qual foi construído o tanque onde a lama sulfurosa é armazenada.¹⁵ (PORTO, 2005)



Fig. 05: Fonte Andrade Junior_ Burle Marx & Cia Ltda.

Fonte: Arquivo da pesquisa.

O edifício em concreto armado abriga dois pavilhões cobertos por uma laje curva sustentada por pilares revestidos em mármore travertino. Os pavilhões, um em cada extremidade, possuem fechamento em vidro com esquadrias de ferro fixas e abertas na parte mais alta de maneira a oferecer proteção aos ventos dominantes. Neles estão localizados os oito bebedouros com água mineralizada. Há também uma vitrine para a exposição dos fósseis encontrados na região durante as escavações das obras do complexo. Tal

fato explica os motivos de animais pré-históricos desenhados nos azulejos das rampas de acesso aos bebedouros e na paginação de piso em pedra portuguesa preta e branca, ambos desenhados por Burle Marx.



Fig. 06: Destaque para a paginação do piso_Fonte Andrade Junior_ Burle Marx & Cia Ltda.

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Desde sua construção, a fonte passou por algumas modificações, sendo essas: alteração na laje plana, revestida em mármore travertino, para laje em platibanda com revestimento em pastilha retangular; colocação de calhas; retirada do plano envidraçado que limitava o pavilhão na elevação norte em reforma datada de 1990. (PORTO, 2005)

¹⁵ A fonte de água sulfurosa já havia sido canalizada e disponibilizada ao público. Localizava-se dentro de um edifício inaugurado em 1932, no entanto, como o parque passaria por uma reformulação total, o edifício foi demolido.

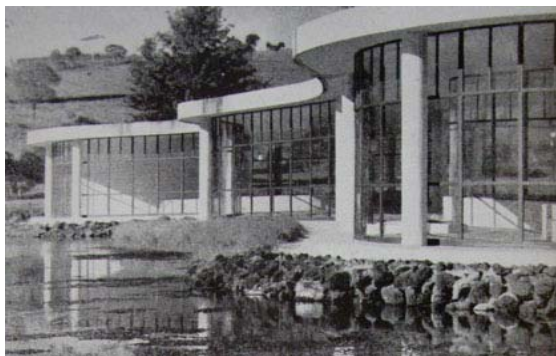


Fig.07: Plano envidraçado que limitava o pavilhão_ Fonte Andrade Junior_ Burle Marx & Cia Ltda.

Fonte: Revista Municipal de Engenharia. vol.15, n. 4, out-dez, 1948.



Fig. 08: Destaque à retirada do antigo plano envidraçado. Fonte Andrade Junior_ Burle Marx & Cia Ltda.

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Ainda no projeto, vemos materializada a forte influência que Bolonha sofreu dos estágios nos escritórios anteriores. Aqui, o ainda estudante de arquitetura explora as potencialidades formais do concreto armado, evidenciado no desenho sinuoso que contempla todo o projeto e que claramente remete aos projetos de Niemeyer para a Pampulha, principalmente a Casa de Baile, em Belo Horizonte, 1942.

A Fonte Andrade Junior, juntamente ao conjunto paisagístico de Burle Marx, é parte integrante do Complexo Hidrotermal

e Hoteleiro do Barreiro, tombado pelo IEPHA de Minas Gerais e registrado na categoria “Conjunto Paisagístico” – Decreto – Constituição Estadual - Ano: 1989.

Fábrica Souza Cruz

O conjunto de edifícios projetados na década de 1970 pela Henrique Mindlin Associados, no então Distrito Industrial de Uberlândia, revela o tratamento sensível dos seus condicionantes, como o terreno plano do local de implantação, a vegetação típica do cerrado, as necessidades futuras de modificações e a importância do arranjo humanizado de ambientes internos. O projeto destaca-se por levar em consideração as particularidades regionais brasileiras sem precisar importar as soluções de layout desenvolvidas em outros países, opondo-se também à concepção de edifícios industriais como simples galpões para armazenamento de máquinas e produtos. (AMARAL, MORRISON, FRANCO, 1980) A Fábrica Souza Cruz, assinada pelos arquitetos Walmyr Lima Amaral, Pedro Augusto Vasques Franco, Walter Lawson Morrison e colaboradores, é um trabalho desenvolvido no campo interdisciplinar, principalmente como “exercício indispensável da profissão”, segundo os próprios autores. Para tanto, uma equipe formada não só de arquitetos, mas também

de engenheiros, paisagistas, dentre outros, formularam diretrizes conjuntas que resultaram num projeto, que em meados dos anos 70, conseguiu estabelecer novas tendências construtivas para edifícios de tipologia industrial.



Fig. 09: Vista aérea_Fábrica Souza Cruz_ Henrique Mindlin Associados.
Fonte: <http://www.souzacruz.com.br>, acessado em Jul. 2009.

O plano diretor da fábrica nasceu da intensa discussão dos conceitos já firmados pela Souza Cruz, incorporando todas as edificações e circulações de homens, veículos e materiais, estabelecendo um zoneamento visando expansões, segurança e defesa ecológica de toda área. (AMARAL, MORRISON, FRANCO, 1982)

Para a fábrica de produtos de tabaco, o escritório projetou um complexo industrial com previsão de três módulos: o Módulo I de Fabricação, com 45.925 m²; o Módulo II de Fabricação, com 55.525 m²; e o setor de Armazenagem de Fumo, com 81.614 m². Os Módulos de Fabricação e os Armazéns de Fumo foram programados para operação independente, fazendo uso comum apenas dos setores de serviço, como a Gerência Geral, Administração

Geral (contabilidade, segurança, etc), Cozinha (com refeitórios separados), Portaria e Expedição. Todos os problemas técnicos e de segurança industrial foram



Fig. 10: Fábrica Souza Cruz_ Henrique Mindlin Associados.
Fonte: Projeto, n.20, 1980.

resolvidos por espelhos d'água, praças e pequenos pátios que pudessem gerar um microclima apropriado às atividades dos operários. Uma rua particular, porém aberta ao público, isolou uma faixa do terreno como reserva de estacionamento, o que permitiu a entrada da fábrica pelo centro do terreno, livrando-a de qualquer influência negativa de potenciais futuros vizinhos. O próprio estacionamento, projetado para execução em módulos, seguiu uma lei de formação o qual evitou linhas retas de árvores de sombra e ainda permitiu o aproveitamento de algumas árvores originais, reduzindo sensivelmente a necessidade de cercas, conforme o almejado na proposta inicial. Da mesma forma, uma cerca inicialmente exigida entre o centro administrativo e a zona fabril foi substituída por um lago que integrou a área de lazer e ainda serviu

como reserva de água para os sistemas pressurizados de sprinklers e hidrantes para a segurança contra incêndios. Filtros, dutos, pontes rolantes e tubulações ofereceram elementos industriais com



Fig. 11: Fábrica Souza Cruz_ Henrique Mindlin Associados.
Fonte: Projeto, n.20, 1980.

estética própria que, no desenvolvimento conjugado, puderam ser integrados na composição. Sua dinâmica e aparente espontaneidade contemplaram uma imensa variedade de incidentes visuais, juntando-se com a firme utilização de cores fortes e a presença permanente do paisagismo de Fernando Chacel para manter interesse e “senso do lugar”, como de um conjunto homogêneo e disciplinado. (AMARAL, MORRISON, FRANCO, 1982)

Apresentando soluções de linguagem moderna como espaços modulados, coberturas que objetivavam grandes vãos, economia, simplicidade, rapidez de execução, reaproveitamento de peças, etc, o projeto buscou transformar um tema árido e às vezes poluidor, num ambiente agradável e apropriado não só para a

maquinaria, mas principalmente para seus trabalhadores, evidenciando uma postura de conquista social dos mesmos. Com tantos triunfos, o projeto para a Fábrica Souza Cruz recebeu a XVII Premiação IAB/Rio na categoria de Edificações para fins industriais, passando a ser conhecido nacionalmente.

Escola Sesi-Senai

O primeiro projeto conhecido do Escritório Rino Levi Arquitetos Associados SC Ltda, no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, é o conjunto destinado às atividades educacionais, assistenciais e esportivas dos trabalhadores de indústrias, localizado na cidade de Araxá, proposto por um convênio entre a CBMM (Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração) e o Sesi-Senai, doado, logo em seguida, à prefeitura da cidade.

Desenvolvido pelos arquitetos Roberto Cerqueira César, Luiz Roberto Carvalho Franco e Paulo Bruna, o edifício deveria



Fig. 12: Escola Sesi-Senai_ Rino Levi Arquitetos Associados SC Ltda.
Fonte: Arquivo da pesquisa.

contemplar um programa que se adequasse às especificidades de uma escola Sesi, orientada para a família dos alunos, com cursos de economia doméstica, culinária, etc., e de uma escola Senai, destinada a formação e aperfeiçoamento de mão-de-obra para a indústria (SANTOS, 1988).



Fig. 13: Sheds das instalações do Senai_Escola Sesi-Senai_ Rino Levi
Arquitetos Associados SC Ltda.
Fonte: Arquivo da pesquisa.

Para tanto, o terreno de implantação, bastante acidentado, foi tomado como partido inicial, a fim de dar destaque à diferenciação funcional dos três blocos propostos e dos seus espaços internos. Para as instalações do Sesi, um bloco foi destinado a abrigar os espaços para uma creche e demais salas de aula; para as instalações do Senai, outro bloco, diferenciado pela cobertura de *sheds* e por um grande espaço coberto de características nitidamente industriais, abrigou a salas restantes. Para a interligação desses dois blocos, um espaço



Fig. 14: Entrada principal e conjunto de escadas_Escola Sesi-Senai_ Rino Levi
Arquitetos Associados SC Ltda.
Fonte: Projeto, n.111, 1988.

central foi pensado como área comum do prédio, dispendo de todos os serviços como recepção, cuidados médicos, administração e auditório. Segundo Santos (1988), este bloco central foi diferenciado dos demais pelo seu tratamento de fachada e pela localização em desnível, sendo acessado por um grande conjunto de escadas que, não somente aqui, também pode ser visto em outras transições de espaços coletivos para espaços externos. Na área externa, além do estacionamento e da forte presença da vegetação como elemento integrador, também foi concentrada a área de lazer e locais para as atividades esportivas, com quadras poliesportivas, quadras de vôlei, vestiários, arquibancadas e piscina.



Fig. 15: Escola Sesi-Senai_ Rino Levi
Arquitetos Associados SC Ltda.
Fonte: Projeto, n.111, 1988.

No mais, como um forte componente de contraste, a torre para abastecimento de água demonstra ser um importante marco visual para essa área da cidade, onde predominam os gabaritos baixos.

Casa de Hóspedes para a CBMM



Fig. 16: Casa de Hóspedes para a CBMM_
Rino Levi Arquitetos Associados SC Ltda.
Fonte: Projeto, n.111, 1988.

Em 1979, um ano após o projeto feito para a Escola Sesi-Senai, o Escritório Rino Levi Arquitetos Associados SC Ltda foi convidado a elaborar o projeto arquitetônico para a Casa de Visitas da CBMM, também na cidade de Araxá, diante da necessidade de dar acolhimento adequado aos inúmeros visitantes estrangeiros, técnicos e diretores da própria empresa, por ocasião de suas visitas à mineração e à usina. (SANTOS, 1988)

Assinado pelos arquitetos Roberto Cerqueira César, Luis Roberto Carvalho Franco, Paulo Bruna e Carlos Eduardo de Paula, o projeto usou como partido inicial as características do local de sua implantação, um terreno de 35.000m² e de

acentuada declividade, localizado no alto de uma colina nos arredores de Araxá e nas proximidades da mineração, com vistas para vales e montanhas próximos. Ao tirar partido da acentuada declividade, o escritório se propôs a elaborar um projeto de característica horizontal e dividido em alas que acentuassem a topografia do local.



Fig.x 17 Casa de Hóspedes para a CBMM_
Rino Levi Arquitetos Associados SC Ltda.
Fonte: Projeto, n.111, 1988.

As três alas estabelecidas foram articuladas a um corpo central, onde foram dispostos os ambientes para as atividades de cunho social como o salão de estar, recepção, bar, restaurantes, salas de reunião e demais ambientes de trabalho. Nas alas norte e sul foram dispostos os apartamentos para o alojamento dos hóspedes e, ainda, uma terceira ala foi destinada aos setores de serviço como cozinha, lavanderia, etc. Segundo Santos (1988), tal setorização de funções, em diferentes blocos em desnível, criou um jogo de volumes e planos de telhado ao mesmo tempo em que diversificou os espaços no interior do complexo. Também, a sucessão de pátios,

terraços e jardins internos ao edifício de dois pavimentos estabeleceu uma lenta transição entre espaços externos e internos, integrando o paisagismo de Fernando Chacel e a rica vegetação nativa

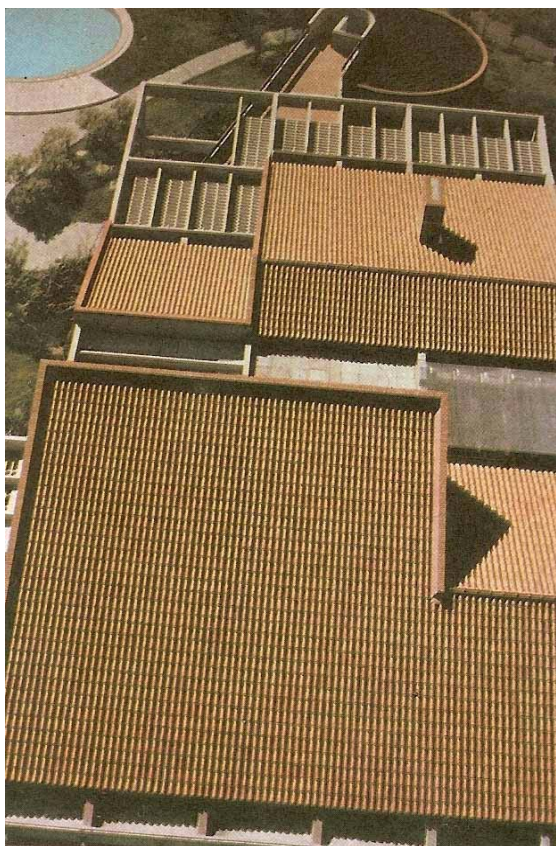


Fig.18: Detalhe da cobertura_ Casa de Hóspedes para a CBMM_ Rino Levi Arquitetos Associados SC Ltda. Fonte: Projeto, n.111, 1988.

do entorno. Todo o complexo tem estrutura em concreto armado e cobertura em telha cerâmica com caimento específico a cada sucessão de blocos. Os materiais mesclam o tijolinho, a madeira e o concreto aparente, contrastando com as demais cores do edifício. Ainda destacam-se as pérgulas para a proteção do sol, localizadas nos acessos da Casa de Hóspedes, também associadas à estrutura do prédio.

Ainda que o escritório trabalhasse dentro da racionalidade e funcionalidade proposta pela arquitetura moderna, percebe-se na Casa de Visistas para a BMM a retomada de certas características vernaculares, como a utilização de telhas cerâmica, os elementos vazados e o tijolo aparente. Também, segundo Anelli, Guerra e Kon (2001) o projeto retoma temas de algumas de suas obras anteriores, como a Casa dos Engenheiros da Eclor, em 1956, que assemelha-se ao edifício em questão na implantação no topo de uma colina como partido para soluções formais, na utilização de brises horizontais para controle da insolação e no uso de um volume cilíndrico em contraste às demais linhas regulares do projeto.

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

A produção dos chamados arquitetos “forasteiros” no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba demonstrou ser positiva e importante para a região. Não só grandes escritórios advindos das capitais, como também outros arquitetos que estabeleceram aqui suas bases de trabalho por um curto período de tempo, deixaram nas então pequenas cidades, produções modernas significativas para, num conjunto maior, formarem um considerável acervo dessa produção. Ainda, considerando a grande escala dos projetos desenvolvidos pelos escritórios citados, a

região beneficiou-se com a chegada de novas técnicas em tipologias variadas e que fizeram da arquitetura produzida aqui semelhante àquela de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

No projeto da Henrique Mindlin Associados para a Fábrica Souza Cruz, a introdução do fator humano e de novas tendências na elaboração de projetos industriais de grande escala influenciou o desenvolvimento de outros edifícios de mesma tipologia diante do forte setor industrial da região, ainda em crescimento no começo da década de 1970. A Escola Sesi-Senai e a Casa de Hóspedes para a CBMM, do escritório Rino Levi Arquitetos Associados, também foram consequência deste mesmo avanço industrial, sendo também resultados da aceitação de outras obras modernas já estabelecidas na cidade de Araxá, como o Conjunto Paisagístico da Estância do Barreiro e a Fonte Andrade Jr. Nestes últimos, ainda, pôde-se perceber que os procedimentos compositivos adotados foram empregados posteriormente em outros projetos do mesmo escritório e que alguns se tornaram peculiaridades proeminentes do mesmo.

É importante destacar que, não somente as obras aqui citadas mas toda a arquitetura moderna, contribuiu para o desenvolvimento de uma cultura

arquitetônica reconhecida internacionalmente, que demonstra traços particulares nacionais e não específicos de uma região específica.

Evidenciada a importância do Movimento Moderno no Brasil, principalmente pela produção nacional, vêm à tona os problemas de preservação uma vez passada por definitiva a época de produção moderna no país. A salvaguarda dessa arquitetura, que varia entre atitudes pequenas como a menor descaracterização possível pelos moradores até atitudes maiores como o tombamento do edifício por um órgão federal, tem encontrado dificuldades devido, principalmente, a proximidade temporal de sua produção. A população desconhece a importância do Movimento Moderno para a história do país e ainda não vê essa produção como patrimônio a ser preservado, assim como é, dentre outras, a arquitetura colonial, barroca e neoclássica, expressões de uma cultura passada e remota.

A demora na efetivação das medidas de salvaguarda pode ocasionar, em última instância, uma demolição indesejada e irreversível para a construção da memória cultural de uma cidade ou comunidade. Por isso, o desenvolvimento das ações de documentação feitas na pesquisa “Documentação da Arquitetura Moderna

no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: História e Preservação” como medidas iniciais para a preservação. Com a catalogação em fichas de inventário pode-se verificar as obras em destaque e desenvolver medidas que procurem, dentro de discussões e análises enquadradas caso a caso, conscientizar as autoridades, os órgãos públicos e a população, uma vez que entendemos que, sem o reconhecimento do usuário, essa arquitetura não poderá ser preservada .

5. AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - Fapemig, órgão fomentador da pesquisa “Documentação da Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: História e Preservação”, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, como órgão fomentador da bolsa de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq/UFU e à Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia – FAUeD/UFU.

6. REFERÊNCIAS

ADAMS, William Howard. **Roberto Burle Marx: The Unnatural Art of the**

Garden, The Museum of Modern Art, New York, 1991.

AMARAL, Walmyr Lima; MORRISON, Walter L; FRANCO, Pedro Augusto Vasques. **Fábrica Souza Cruz, Uberlândia, MG; projeto de arquitetura**. In: Projeto. São Paulo, n.42, p.144, jul, 1982.

AMARAL, Walmyr Lima; MORRISON, Walter L; FRANCO, Pedro Augusto Vasques. **Fábrica Souza Cruz, Uberlândia, MG: prêmio IAB-RJ; projeto de arquitetura**. In: Projeto. São Paulo, n.20, p.13-18, maio, 1980.

ANELLI, Renato, GUERRA, Abílio, KON, Nelson. **Rino Levi: Arquitetura e Cidade**. São Paulo: Romano e Guerra, 2001.

ARANHA, Maria Beatriz de Camargo. **Rino Levi: Arquitetura como Ofício** . Dissertação de mestrado. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ARGAN, G. C. (1970). **L'Arte Moderna - 1770/1970**. 13.º ed. Firenze, Sansoni Editore, 1985.

AZEVEDO, P. (1998). **A Difusão da Arquitetura Moderna em Minas: O Arquiteto João Jorge Coury em Uberlândia**. São Carlos, Dissertação (Mestrado), EESC - USP.

BENEVOLO, L. (1976). **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva.

_____. (2003). **História da Cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva.

CAMISASSA, Maria Marta dos Santos. **A preservação do moderno e a formação dos Futuros profissionais da Arquitetura e do Urbanismo**. In: PESSÔA, José; VASCONCELLOS, Eduardo; REIS, Elisabete e LOBO, Maria (org.). **Moderno Nacional**. EduFF, Niterói, 2006. p. 169-181.

CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. **Paisagem e jardim nas casas de Rino Levi**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos – Universidade de São Paulo, São Carlos, 1998.

DOCUMENTAÇÃO da Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: História e Preservação – Fichas de Inventário. Disponível em <http://www.faurb.ufu.br/doc_moderno/html/cidades0.html>. Acesso em: jun.2009.

FONTE Termal Andrade Junior. In: Revista Municipal de Engenharia. Secretaria Geral de Viação e Obras. vol.15, n. 4, out-dez, 1948.

FRAMPTON, K. (1987). **História Crítica da Arquitetura Moderna**. Barcelona, Gustavo Gili.

GUERRA, M. E. (1998). **As Praças Modernas de João Jorge Coury no Triângulo Mineiro**. São Carlos, Dissertação (Mestrado), EESC - USP.

LAURENTIZ, L. (1993). **Olhando as arquiteturas do cerrado**. In: Projeto 163, São Paulo, maio, PP. 75-91.

MARTINS, C. A. F. (1988). **Arquitetura e Estado no Brasil: Elementos para uma Investigação sobre a Constituição do Discurso Modernista no Brasil; a Obra de Lúcio Costa**. São Paulo. Dissertação (Mestrado) – FFLCH - USP, 1º. Capítulo. Uma trama recorrente.

MINDLIN, H. (1956). **Arquitetura moderna no Brasil**; prefácio de S. Giedion; organizador da edição brasileira. Lauro Cavalcanti; tradução de Paulo Pedreira. 2.ed. Rio de Janeiro : Aeroplano Editora/IPHAN. 2000. Título original em inglês: *Modern architecture in Brasil*. New York : Reinhold.

MUMFORD, L. (1998). **A Cidade na História**. São Paulo: Martins Fontes.

NOBRE, Ana Luiza. **Documento - Henrique Mindlin, profissão: arquiteto**. In: Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, v.16, n.90, p.77-81, jun./jul, 2000.

OLIVEIRA, Ana Rosa de. **Bourle Marx ou Burle Marx?** Entrevista a Burle Marx. 1992. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/entrevista/burle Marx/burle Marx_6.asp>. Acessado em: 30 jun.2009.

PORTO, Daniele Resende. **O Barreiro de Araxá: Projetos para uma estância hidromineral em Minas Gerais**. Dissertação de Mestrado, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2005.

SANCHES, Aline Coelho. **A Obra e a trajetória do arquiteto Giancarlo Piretti: Itália e Brasil**. Dissertação de Mestrado. São Carlos, 2004.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. **Conservação no Docomomo: modernidade em busca de preservação ou preservação em busca de modernidade?** In: PESSÔA, José;

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. **Rino Levi Arquitetos Associados: permanência e continuidade de uma obra**. In: Projeto. São Paulo, n. 111, junho, 1988.

SIQUEIRA, Vera Beatriz; **Burle Marx**; São Paulo: Cosac e Naify, 2001.

VILLELA, Fábio Fernandes. **Rino Levi – Hespéria nos Trópicos: A Racionalização dos Processos de Trabalho em Escritórios de Arquitetura e a Interação entre Intelectuais, Estado Desenvolvimentista e a Industrialização em São Paulo**. Campinas: UNICAMP, 2003. 324 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. **Cedo ou tarde serão consideradas obras de arte**. In: PESSÔA, José; VASCONCELLOS, Eduardo; REIS, Elisabete e LOBO, Maria (org.). **Moderno Nacional**. EduFF, Niterói, 2006. p. 127-139.

XAVIER, A. org. (1987). **Arquitetura Moderna Brasileira - Depoimentos de uma Geração**. São Paulo, Editora Pini, Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Fundação Vila Nova Artigas.

